



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

FEDERICO NAVARRO FALA DE SEU “ENCONTRO” COM REICH

José Henrique Volpi

Federico Navarro, nasceu em Nápoles, Itália, em 16 de junho de 1924. Iniciou sua trajetória clínica no Hospital Judiciário de Nápoles, onde entrou, após concurso, como médico legista. Deparou-se com algumas situações que não lhe agradaram dentro da psiquiatria e sentiu a necessidade de modificá-la. Em Florença, fez pós-graduação em neuropsiquiatria, onde chegou a ser diretor do hospital Judiciário. Foi amigo do anti-psiquiatra Franco Basaglia, pioneiro da anti-psiquiatria no mundo. Disse Navarro:

“A minha concepção de anti-psiquiatra entrou em conflito com o Ministério de Graça e Justiça e os últimos anos da minha diretoria o Ministério procurava criar um escândalo para me tirar do hospital. A um certo momento o Ministério chegou ao ponto de não mandar os remédios para os epiléticos, sabendo que se o epilético para de tomar o remédio, pode entrar em um estado de crise profunda. Se um epilético viesse a morrer, o responsável seria o diretor. Então eu comprei com o meu próprio dinheiro o remédio para os epiléticos, ao mesmo tempo que eu mesmo iniciei um escândalo até chegar à televisão e denunciar o Ministério de Graça e Justiça”.

Nesse período Navarro estava concluindo seu treinamento em psicanálise, quando deu início à essa nova prática de trabalho. Sua intenção era de aprender principalmente a psicodinâmica na psicopatologia, auxiliando-o no trabalho do hospital.

Então, o senhor se tornou um psicanalista. E como era a visão da anti-psiquiatria nessa época? É a mesma que temos hoje, ou era diferente?

“Era uma visão que quando descobriu o pensamento de Reich continuou sendo a mesma. O que falava a anti-psiquiatria? Que o doente mental é uma consequência do ambiente social. A anti-psiquiatria fala da importância de mudar a condição social para evitar, para fazer uma prevenção da psicopatologia. Isso é muito parecido com o pensamento de Reich sobre a prevenção. E, uma condição de comportamento como expressão da caracterialidade, influi diretamente no desenvolvimento psicológico da pessoa”

O senhor já tinha conhecimento do pensamento de Reich? Dentro da anti-psiquiatria já se falava de Reich?



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

“Foi praticamente um encontro contemporâneo, porque o pensamento da anti-psiquiatria começou nos anos 60 e eu descobri Reich no ano de 66”.

Como o senhor descobriu Reich?

“Foi por acaso. Eu, no ano de 66, fui tirar férias na ilha de Stromboli, perto da Sicília, uma ilha pequena, selvagem, agora muito mudada. Nesse período eu era um rapaz, e como sempre, eu levei comigo alguns livros para ler nas férias”

O senhor comprou esse livro de Reich, sem saber na época quem era?

“Sim. Nesse livro continha um resumo de todos os livros escritos de Reich. Por exemplo, esse capítulo é sobre a superposição cósmica... Eu lembro que era bem isso que eu procurava. Então, quando voltei das férias informei alguns amigos psiquiatras a respeito do pensamento de Reich. Fizemos uma reunião onde eu expliquei sobre o que havia lido e todos concordaram que era um trabalho muito legal.

Então, como fazer para apreender o trabalho de Reich? Tomei algumas informações e assim, soubemos que ainda estavam vivos três discípulos de Reich: Baker, nos Estados Unidos, Valter Hoppe na Alemanha e Ola Raknes na Noruega, em Oslo. Hoppe era da Alemanha, de Munic, mas estava trabalhando em Israel e na Europa, praticamente, a única possibilidade era Raknes. Então eu escrevi para ele porque Raknes falava francês corretamente. Ele foi orador da Sorbone, em Paris, e foi o primeiro a escrever um dicionário francês-norueguês. Ele nos convidou para fazer um training na Áustria. Tudo isso, foi avaliado na reunião com os amigos, no sentido que se um de nós deveria para Oslo onde iria morar por um tempo, gastar com hospedagem, pagar as sessões e praticamente largar o trabalho na Itália. Era um investimento muito alto. Então, fizemos a proposta a Raknes para ver se ele queria vir a Nápoles, praticamente, a partir de junho até setembro, durante as férias na Itália. Ele aceitou e durante quatro anos foi a Nápoles, de junho a setembro, para fazer a terapia não somente para mim, mas também para os outros colegas. Contemporaneamente, em Nápoles, foi criado um Centro de Estudos Wilhelm Reich onde ele fazia seminários e conferências. Assim, concretizei a possibilidade de fazer uma formação para trabalhar com a vegetoterapia”.

Conta Navarro que Raknes era uma pessoa muito calma, pacata e tranqüila, de uma inteligência e humorismo imbatível. Quando foi a Nápoles pela primeira vez, estava com 84 anos, tinha um metro e noventa de altura e gostava muito de comer.



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

Navarro foi apanhá-lo no aeroporto de Roma e no caminho em direção à Nápoles fizeram uma parada para tomar um café em um posto de gasolina onde tinha uma lanchonete. O lugar estava cheio.

“Raknes olhava e olhava para todos os cantos e a um certo momento me disse: `é uma pena que eu tenho 84 anos porque aqui tem mulheres muito bonitas e atualmente o coração tem desejo, mas o corpo não segue´. Raknes era casado e a última filha dele tinha 18 anos. Durante o tempo em que ele foi a Nápoles, eu lembro que uma vez ele teve uma indigestão e febre alta. Eu e os outros médicos ficamos muito assustados devido à idade dele e pensamos em chamar para vê-lo, um outro médico, não do nosso grupo, um amigo também, que se chama Mário Caruso. Caruso é o nome de um celebre tenor italiano. Nos instalamos ao lado da cama de Raknes à espera de Mário. Raknes nos perguntou quem estávamos esperando. Eu falei que era Caruso e Raknes perguntou se ele viria para cantar ópera. Uma outra vez Raknes falou: `eu só tenho boa saúde porque nunca rejeitei às tentações´. Uma outra vez, em uma conferência no Centro Reichiano de Nápoles, alguém perguntou se atualmente Raknes, com a terapia que havia feito com Reich, tinha resolvido todos os problemas. Ele respondeu: `até Reich morrer, cada ano eu ia aos Estados Unidos para fazer a minha terapia de manutenção e a supervisão. Uma vez eu perguntei a Reich se em alguns momentos, quando eu estivesse enfrentando algum problema, poderia continuar a ser terapeuta. Reich perguntou a Raknes: como estão indo seus pacientes? Ele respondeu: alguns pacientes estão melhores que eu. Reich, então, falou: pode continuar!”

Raknes não era médico, nem psicólogo. Era doutor em filosofia e segundo Navarro, foi a única exceção aberta por Reich, para ser vegetoterapeuta. Também foi o único não médico, que depois da morte de Reich tornou-se membro do American College of Orgonomic, dos Estados Unidos.

Gostaria de falar um pouco sobre a vegetoterapia. Foi Reich que começou a desenvolver os actings? Qual é a história dos actings?

“A palavra acting fui eu quem introduzi. Antes era chamado de exercício”. Isso por Reich?



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

“Sim. Eu tenho uma fraqueza pela semântica. O exercício é da ginástica, é mecânico. A palavra acting pressupõe uma intencionalidade do movimento. Na palavra acting está uma implicação psicológica”.

Como, então, surgiu a sua proposta? Desde onde ela vem?

“Durante o período em que Raknes esteve em Nápoles, no final do segundo ano que ele foi a Nápoles, ele me contou que o Reich pediu a ele que sistematizasse uma metodologia para a vegetoterapia. Ele recusou e disse a Reich: `eu não sou médico. Eu não tenho os elementos biológicos, científicos, necessários para articular uma sistemática da metodologia´. Então, ele me perguntou: como você é neuropsiquiatra também, poderia aceitar a tarefa de sistematizar a metodologia da vegetoterapia? Eu respondi: vou tentar. Então, eu sistematizei o conhecimento do desenvolvimento neuropsicológico da pessoa, do ponto de vista psicológico e o significado dos sete níveis. Assim, pensei no que era necessário para mobilizar a energia bloqueada nos níveis e dessa forma, a maior parte dos actings da metodologia foram introduzidos por mim. Alguns actings era de Raknes e outros de Reich. Eu somente articulei. Baker também fez alguma articulação dos actings ou continuou usando a mesma metodologia de Reich. Praticamente ele fazia o que Reich fez com ele. Raknes fez comigo a mesma coisa; somente que algumas coisas não eram elaboradas. Eu percebi o que faltava! Binco, então, dizendo que quando uma pessoa me fala da minha neurose, eu digo que a minha neurose existe porque eu não fiz terapia com Federico Navarro”.

O que aconteceu com Raknes?

“Antes de Raknes morrer eu fui a Áustria para apresentar o meu trabalho da metodologia. Ele ficou entusiasmado. Depois do Centro Reichiano de Nápoles que eu fundei, com os outros colegas pensamos em organizar uma formação para os mais jovens. Assim nasceu o SIRTO Sociedade Italiana de Terapia Orgonômica. A SIRTO mudou-se para SEOR Escola Européia de Orgonomia”.

Isso tudo em Nápoles?

“Sim. A mudança aconteceu porque a SIRTO entrou em crise quando eu fiquei bravo porque uma terapeuta da SIRTO teve um caso com um paciente e isso para mim é inadmissível”.

Foi quando surgiu a SEOR? Mas a SIRTO não continuou nessa época?



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

“A SIRTO ainda continua até hoje, mas não faz nada. Não faz formação e tem somente três ou quatro pessoas como membros”.

Os outros todos então criaram a SEOR?

“Sim, e eu fui presidente da escola européia. Mas quando fui da Itália para trabalhar em Paris, eu me demiti da presidência e o presidente foi Genovino Ferri.

Como foi a sua ida e trabalho em Paris?

“Foi uma transferência gradual, progressiva. Eu comecei a trabalhar em Paris uma semana por mês. Cada mês, uma semana, e aconteceu que eu encontrei uma mulher francesa. Infelizmente, e o resultado foi... Então, eu comecei, de uma semana por mês a duas semanas em Paris e duas em Nápoles, depois três semanas em Paris e uma em Nápoles, depois somente em Paris. Eu fui a Paris de 1980 até 1989.

O senhor não era casado nessa época?

“Eu me divorciei por causa dessa mulher francesa”.

Quando foi seu ultimo contato com Ola Raknes?

“A ultima vez que eu vi Raknes foi quando eu fui a Oslo para a avaliação dele sobre a metodologia que eu havia desenvolvido. Eu fiquei na casa dele desde a manhã até a tarde. Eu tenho um fotografia mental: quando sai da casa dele, de taxi e ele no portão da casa acenando. Depois a filha dele me escreveu. Nesse momento ele tinha 88 anos e teve um infarto. Ele foi internado. Depois de uma semana no hospital, ele pediu alta. Os médicos não queriam que ele saísse, mas Raknes disse: `na minha idade, antes ou depois, eu devo morrer. Mesmo ficando aqui, nunca poderei voltar a ser jovem. Então, eu prefiro sair do hospital para ir cumprimentar os meus amigos antes de morrer´. Ele saiu do hospital e foi direto para Nova Iorque encontrar seu amigo Baker. Quando voltou para casa, teve um outro infarto e morreu.

O pensamento de Reich é relativo porque a terapia fundamentalmente é o pensamento socio-cultural. Isso é a ponte, a base científica. Então não pode separar a formação Reichiana se não tem uma base científica da energia da orgonomia. Para mim, a importância da prevenção e da ecologia humana é praticamente tudo”.

O senhor também criou a SEOR em Paris?

“Não. A SEOR funcionava na Itália e começou a funcionar na Espanha. Em Paris não foi possível porque a característica francesa é de muito narcisismo. Eles queriam criar a escola em Paris. Os terapeutas franceses que não eram de Paris como



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

de Grenoble, San't Etienne, não desejavam que a escola fosse em Paris. Somente quatro anos depois, quando o grupo francês se dividiu é que os terapeutas de Paris organizaram por lá, a formação em vegetoterapia.

O senhor trabalhava como orgonoterapeuta em Paris. E como foi a sua vinda ao Brasil?

“Na minha vida, depois da terapia com Raknes, sempre foi mais importante o Federico do que o professor Navarro. Então, eu sempre pensei que se Federico está bem, o professor também está bem, mas se Federico não está bem, porque o professor é somente uma fachada, somente um papel. Quando a minha relação com esta mulher francesa acabou, eu pensei em voltar a trabalhar na Itália. Aconteceu nesse período que eu estava em Paris e estava fazendo terapia comigo uma brasileira. Então, eu fui convidado, no ano de 1986, pela primeira vez a vir ao Rio para fazer um workshop sobre vegetoterapia. Depois, fui convidado no ano seguinte, em 87, quando a minha relação com a francesa já havia terminado. Num papo de restaurante, com alguns brasileiros, eu falei da minha intenção em deixar Paris e voltar à Itália. Os brasileiros me perguntaram se eu gostava do Brasil e eu disse que sim. Então, eles disseram: no lugar de voltar a Itália e começar tudo novamente, poderia vir ao Brasil e reconstruir no Brasil. Esse foi o motivo que me impulsionou.

Quando eu estava aqui, no ano de 87 ou 88, me pediram para fazer terapias. Eu tinha compromisso com a Europa e não pude aceitar. Então, telefonei a um terapeuta formado pela Escola de Roma e perguntei se ele queria passar as férias aqui e fazer as terapias. Ele aceitou e nunca mais voltou para a Itália. Ele organizou com outros colegas o Instituto de Orgonomia Ola Raknes, IOOR. Quando eu me instalei no Rio, pensei em organizar a Escola que chamei de EOLA, Escola de Orgonomia Latino Americana. Atualmente, o nome de EOLA é plural no sentido de que não é uma, mas diversas Escolas de Orgonomia Latino Americanas, no Rio, Natal, São Paulo, Buenos Aires e Curitiba”.

E porque o senhor está voltando para a França? Sua proposta é ficar dois meses na França e dois meses no Brasil. Porque? O senhor quer ficar lá, encontrou alguém? O senhor disse que gosta do Brasil e está bem aqui. Por que então voltar e não ficar aqui?



VOLPI, J. H. **Federico Navarro fala de seu “encontro” com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

“Primeiro, não encontrei ninguém, mas o desenvolvimento do trabalho especialmente na França e na Itália nesse momento precisam da minha presença”.

Porque?

“Porque na França, atualmente, toda a tarefa da escola está sobre a responsabilidade de duas pessoas e o movimento está se espalhando. Então, os compromissos, as tarefas poderão ser divididas para se fazer um melhor trabalho. Na Itália, atualmente estão três grupos que nasceram da SEOR, mas não se tem uma formação e eu estou procurando associar os três grupos para fazer uma formação única. Eu não gosto de pensar que um grupo que tenha a mesma metodologia, o mesmo critério de formação, seja concorrente do outro. Por isso eu quero que seja uma formação única. Isso pede a minha presença porque se eu estou lá, todos vão atrás”.

O senhor sistematizou os actings da vegetoterapia. Depois de anos de trabalho, hoje o senhor sente que precisa fazer alguma alteração na metodologia ou é suficiente o que existe?

“A metodologia como está, é suficiente, mas se os terapeutas podem contribuir aumentando, aperfeiçoando, ficará perfeito”

Finalizando a entrevista, perguntei ao Dr. Navarro: Como o senhor se sente sendo filho de Ola Raknes e neto de Reich? Ele respondeu: “Com muita responsabilidade”!

=====

José Henrique Volpi - Psicólogo, Psicodramatista, e Analista Reichiano. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br

Entrevista concedida a José Henrique Volpi em 15 de março de 1996.

Federico Navarro faleceu no dia 9 de outubro de 2002, deixando muita contribuição e saudades!

=====

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Pref. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 / www.centroreichiano.com.br / centroreichiano@centroreichiano.com.br